



Delimitações e desdobramentos do discurso midiático no caso do acidente do Air Bus da TAM em Congonhas¹

Erleson RIBEIRO²

Herôn FARIAS³

Moisés SARRAF⁴

Rosaly BRITO⁵

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

O artigo aborda uma análise sobre a forma como foi a cobertura jornalística do acidente do avião da TAM, em julho de 2007, no aeroporto de Congonhas, centrando o olhar no imediatismo com que foi veiculada e pelas diferentes formas com que tal acidente foi abordado por diversos meios. Baseamos algumas explicações em autores como John B. Thompson e Fausto Neto a fim de fazer uma melhor análise que viesse a contribuir para o campo da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; mídia; tam; congonhas; comunicação.

TEXTO DO TRABALHO

O ambiente midiático contemporâneo, profundamente determinado pelo alto grau de desenvolvimento tecnológico, nos proporciona uma série de novas e marcantes formas de reportar e receber a notícia. John B. Thompson (1998, p. 28), mostra que uma das principais características dos meios de comunicação é o distanciamento espaço-temporal. Com o largo avanço de novos meios técnicos ocorre uma alteração no espaço e no tempo, transformando nossa percepção espaço-temporal.

Todas as formas de comunicação implicam um certo grau de distanciamento espaço-temporal, certo grau de deslocamento no tempo e no espaço. Mas a extensão desse deslocamento varia grandemente, dependendo das circunstâncias de comunicação e do tipo de meio técnico empregado. THOMPSON (1998, p. 28)

¹ Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina Comunicação, Cultura e Sociedade.

² Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: erlesonribeiro@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFPA, email: heronvictor03@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPA, email: moissarrafa@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPA, email: rosaly@ufpa.br

Partindo da análise da cobertura jornalística do acidente do avião da TAM, em julho de 2007, no aeroporto de Congonhas, centrando o olhar no imediatismo com que foi veiculada, nota-se que a agilidade da difusão da informação, ou seja, da função referencial que consiste em dar conta dos acontecimentos, causa uma aproximação do público ao fato, transfigurando a noção de espaço e tempo.

Em seus estudos, Thompson fala do poder simbólico para se referir à capacidade de interferência no curso dos acontecimentos e de influência nas ações e idéias do público. Na capa da edição da matéria está escrito “Até quando?”, remetendo o público a acontecimentos anteriores sobre a aviação brasileira. O chamado caos aéreo retornaria à memória dos brasileiros acompanhado de um sentimento de revolta pela morte de tantas pessoas. A imagem da capa serve ainda de aparato, reforçando o sentido do título principal. Antonio Fausto Neto também teoriza acerca dos elementos e imbricações da capa das revistas. Segundo ele, os recursos artísticos ganham importância para a composição da capa, o design se torna tão relevante quanto a redação em si.

Esse tipo de recurso, junto de uma redação cheia de elementos narrativos muito mais ficcionais do que jornalísticos é muito usado na esfera do conceito da comunicação de massa. O sensacionalismo é latente, como se sabe, para se aumentar o número de exemplares vendidos e, assim, o lucro, fugindo da análise crítica e, como diria John Thompson (1998, p. 33), mercantilizando as formas simbólicas; criando uma desconformidade entre a produção e a recepção.

Em virtude da valorização econômica as formas simbólicas se tornam mercadoria: objetos que podem ser vendidos e comprados no mercado por um determinado preço. Às formas simbólicas mercantilizadas, irei me referir como “bens simbólicos”. (THOMPSON, 1998, p. 33)

Características, fronteiras e funções do discurso midiático

Focando a interpretação sobre o discurso midiático e analisando as suas delimitações, infere-se que a mídia não possui fronteiras estanques. O discurso midiático muitas vezes se confunde com o discurso das mais diversas instituições (jurídico, médico, matemático...), isso por que sua função é de mediar esses discursos que são técnicos e somente inteligíveis aos possuidores do dicionário específico de cada instituição. Sendo assim, o discurso midiático procura modalizar os diversos discursos numa linguagem acessível ao público, ou seja, mesmo não sendo médico podemos ter algumas noções dessa área.

Maurice Mouilland desenvolve conceitos acerca dessa conturbada fronteira do discurso midiático e os demais discursos. Segundo Maurice os discursos não midiáticos são *esotéricos*, pois são destinados aos membros de uma instituição que devem ter o domínio de suas representações simbólicas para poder compreender. Já os discursos midiáticos são de natureza *exotérica* porque não são destinados a um grupo específico de indivíduos de uma determinada instituição, mas sim a todo o público indiscriminadamente.

A partir dos conceitos descritos acima, percebe-se que na cobertura do acidente com o Air Bus da TAM, a mídia necessitou dos mais diversos discursos para tentar explicar os porquês e as causas do acidente. Valendo-se do discurso médico, físico, matemático... todos de caráter *esotérico*. O discurso midiático com sua essência *exotérica* modalizou-os para reconstruir o acontecimento, incorporando os discursos de diversas ciências para o discurso midiático, e cumprindo assim sua função de reportar ao público a notícia de maneira clara e explicativa. Maurice Mouilland (1997, p. 221), explicita da seguinte forma:

A experiência da medicina também tem obviamente acesso ao discurso midiático, uma vez que este também se apropria de uma parte da simbólica médica, enquanto prática discursiva transversal às outras modalidades de discurso. Mas, ao apropriar-se dela o discurso midiático tende a torná-lo transparente e universalmente compreensível, em função da natureza *exotérica* do seu funcionamento. (MOUILLAND, 1997, p. 221)

No acidente do Air Bus da TAM, estudando a reportagem da matéria da rede globo no momento do acidente, é possível notar a presença não só da função referencial da linguagem, mas também da função fática, que visa a manutenção do contato com o destinatário. A notícia é estendida, acaba se tornando cansativa e para evitar esse desgaste há a necessidade de se prolongar o contato com o público para não se quebrar a relação midiática. Maurice Mouilland (1997, p. 218), ilumina essa utilização da função fática:

No discurso midiático, os silêncios são insuportáveis e intoleráveis, uma vez que assinalam a perda da relação com o público e são, por conseguinte, encarados como risco letal para o próprio funcionamento do seu dispositivo de enunciação. Falar, falar sempre, mesmo que seja para não dizer nada; falar apenas para manter a antena aberta, para não perder o contato com o público, para preencher a programação, para encher a página do jornal. (MOUILLAND, 1997, p.218)

Prosseguindo a compreensão do discurso segundo Maurice Mouilland, centramos nossa vista sobre a natureza metafórica do discurso midiático. Por assimilar

parte da esfera discursiva de outras instituições o discurso midiático abriga uma natureza metaforizante e contribui para a função de modalização da mídia. No caso da revista *Veja*, o título da reportagem “Noite infernal”, faz a transposição do discurso religioso para o discurso midiático, uma metáfora produzida dessa mesclagem de outros discursos com o discurso midiático.

Claro que essa apropriação por parte da mídia dos demais discursos não quer dizer que o discurso midiático incorpora toda a vastidão de conhecimento das outras áreas. As instituições ficam com parte de seu discurso a salvo do discurso midiático.

Mas as funções do discurso midiático nas sociedades modernas não cessam nessa interpretação. A mídia tende a mesclar e intercambiar os diferentes interesses das instituições, colocando a sociedade como mono e não pluri, única e não várias, transformando as diferenças em uniformidades. Maurice Mouilland (1997, p. 224) define a questão:

“É a instituição midiática que desempenha, nas sociedades modernas, este papel estratégico de composição e de conseqüente cimento homogeneizador da vida coletiva. (MOUILLAND, 1997, p. 224)”

Nessa característica intrínseca homogeneizante do discurso midiático, a mídia se utiliza de diversas estratégias para a composição dos interesses das várias instituições.

Na análise da cobertura do acidente da TAM, sobretudo no olhar da revista *Veja*, uma das estratégias percebidas é a da naturalização. Usando uma relação da memória com o discurso midiático, a naturalização se utiliza do imediatismo dos enunciados, regularizando e repetindo-os. O esquecimento e a rememoração são os alicerces dessa estratégia. Maurice Mouilland (1997, p. 225-226) elucida a discussão:

Se o discurso midiático prossegue, por um lado, um notável efeito de esquecimento e de arquivação, por outro, alimenta-se de um incessante mecanismo de rememoração das formas que vai arquivando. Esta forma ritualizada da alternância os mecanismos de esquecimento e de rememoração é um dos processos mais importantes de produção dos efeitos de habituação e de naturalização. (MOUILLAND, 1997, p. 225-226)

O reforço, que é uma estratégia midiática, também pode ser encontrado na cobertura do acidente. Como Mouilland descreve, o reforço consiste em aumentar a legitimidade da simbólica de uma determinada instituição, garantindo sua visibilidade nas diversas camadas e tecidos do campo social, dessa forma perpetua sua simbólica no imaginário social. Na revista *Veja*, nos telejornais da rede Globo, Record e demais

emissoras nota-se o uso do reforço na exacerbação da simbólica dos parentes das vítimas do acidente.

Ainda vê-se outra estratégia nessa mesma análise, chamada por Mouilland de exacerbação dos diferendos. O discurso midiático pode por vezes compatibilizar discursos de diversas instituições. Muitas vezes há um conflito entre as legitimidades de instituições diferentes e o discurso midiático pode amenizar e harmonizar o conflito ou exacerbar as diferenças. Na análise de nossa pesquisa o discurso midiático nos mais diversos veículos e redes tende a amplificar os conflitos e intensificar as tensões de legitimidade de instituições, nesse caso, a instituição governamental em seus conflitos ideológicos.

Discurso jornalístico

A cobertura jornalística busca intensamente criar vínculos de confiança entre a produção e a recepção de suas formas simbólicas, vínculos entre os que montam a realidade jornalística e o público. Para a geração desses vínculos a mídia se utiliza de uma série de recursos que passam pela materialidade, no impresso os textos e na televisão pelo audiovisual, criando assim um cenário midiático. É o que acontece na cobertura do acidente do Air Bus, quando a partir da interferência tecnológica se constrói o acontecimento, com imagens e sons mostrando em tempo real as suas conseqüências. Como Fausto Neto (2006, p. 4) descreve.

Assim, trabalha-se um duplo processo: a geração do acontecimento, segundo os fundamentos sobre os quais repousa o seu processo produtivo, e um outro da constituição da oferta do “lugar de confiança”, uma vez que no próprio processo em que se descreve a construção da notícia, se diz também as provas sobre as quais devem se fundar os vínculos de confiança. (FAUSTO NETO, Antonio, 2006, p. 4)

Dessa forma, a Rede Globo utilizou seus aparatos tecnológicos, como a cobertura ao vivo do Plantão, que exibia imagens feitas por helicóptero do prédio e avião em chamas para prender a atenção e conseguir o vínculo de confiança com o público.



REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick; **Discurso das mídias**/Patrick Charaudeau; tradução Ângela S. M. Corrêa. 1. ed., 1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2007.

MOUILLAUD, Maurice; **O jornal: da forma ao sentido**/ Maurice Mouillaud, Sergio Dayrell Porto (org.), Adriano Duarte Rodrigues et alii, tradução de Sérgio Grossi Porto.- Brasília: Paralelo 15, 1997.

FAUSTO NETO, Antonio; **Mutações nos discursos jornalísticos: Da “construção da realidade” a “realidade da construção”**; Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.

THOMPSON, John B.; **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Revista Veja, julho de 2007; Matéria: “**A Noite Infernal**”; Eugênio Goulart. www.veja.com.br.

www.globo.com – Plantão da rede Globo; Jornal Nacional.